

Filipa Lowndes Vicente, *Entre Dois Impérios, Viajantes Britânicos em Goa (1800-1940)*. Lisboa: Tinta-da-China, 2015.

João Paulo Ascenso Pereira da Silva
FCSH /CETAPS

Se o estudo das relações luso-britânicas no contexto europeu tem vindo, desde há várias décadas, a ser gradualmente realizado, outro tanto não poderá ser dito no âmbito do subcontinente indiano. O levantamento e a análise sistemática dos relatos de viagem britânicos sobre Portugal Continental tem sido, desde meados do século XX, objecto de um crescente número de estudos, nomeadamente dissertações, ensaios, um infindável número de artigos científicos, bem como de tentativas de indexação que nos dão conta da dimensão de um acervo documental, que carece ainda, em larga medida, de uma apreciação atenta e cuidada. Outro tanto não poderá ser dito a respeito das narrativas de viajantes britânicos que percorreram a Índia Portuguesa, que permaneceram, até há pouco mais de uma década, numa relativa obscuridade.

É neste preciso contexto que se inscreve a obra em epígrafe, ao longo da qual Filipa Lowndes Vicente se debruça exaustivamente sobre os testemunhos de viajantes britânicos acerca da realidade goesa, bem como sobre as relações entre o Reino Unido e Portugal na esfera colonial, mais precisamente entre a “Jóia da Coroa” britânica e os derradeiros vestígios do Império Português na Índia. Muito embora não possa ser considerado um trabalho pioneiro na abordagem dos discursos coloniais britânicos acerca da presença portuguesa naquela

região da Ásia, quer no âmbito da literatura de viagens quer dos estudos pós-coloniais, tendo em conta o trabalho seminal realizado neste âmbito por Isabel Simões Ferreira,¹ o ensaio recém-publicado por Filipa Vicente constitui, pela sua abrangência e profundidade, um trabalho de grande envergadura,² que proporciona uma perspectiva diacrónica dos olhares britânicos sobre Goa, na fase de declínio da presença lusitana naquelas paragens. Nele se encontram analisados em grande detalhe os relatos de viagem mais representativos do período de apogeu da expansão colonial inglesa na Índia e que a autora seleccionou e considerou serem autênticos casos paradigmáticos.

Passaremos desde já, e antes mesmo de procedermos a um exame da estrutura e dos conteúdos do presente volume, a uma apresentação sumária da autora. Filipa Lowndes Vicente, nascida em Lisboa em 1972, é investigadora no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa desde 2009, tendo-se doutorado na Universidade de Londres em 2000, com a dissertação que estaria na origem do volume intitulado *Viagens e Exposições: D. Pedro V na Europa do Século XIX* (2003).³ No âmbito da vasta produção científica da autora citaremos entre outros títulos: *Outros Orientalismos: a Índia entre Florença e Bombaim, 1860-1900* (2009);⁴ *Arte sem História: Mulheres e Cultura Artística, Séculos XVI-XX* (2012); e *O Império da Visão: Fotografia no Contexto Colonial Português (1860-1960)* (2014).

De acordo com a informação contida no *site* do Instituto de Ciências Sociais,⁵ a investigadora obteve o grau de Licenciatura em

-
1. Entre outros trabalhos publicados pela autora citaremos: *Momentos Discursivos do Encontro Anglo-Português com a Índia*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais e Políticas, 2005; e *Visões do Império: Os Ingleses na Índia*. Lisboa: Edições Colibri, 2006.
 2. Importa assinalar a extensão e o carácter exaustivo da obra de Filipa Lowndes Marques, que cobre um período histórico muito abrangente, cujas balizas temporais são a segunda metade do século XVIII e 1940.
 3. Este trabalho científico foi galardoado com o prémio “Victor de Sá de História Contemporânea” em 2004.
 4. A obra em epígrafe foi traduzida para inglês e italiano e publicada, respectivamente, na Índia e em Itália: *Other Orientalisms. India between Florence and Bombay, 1860-1900*. New Delhi: Orient BlackSwan, 2012; *Altri Orientalismi. L'India a Firenze (1860-1900)*. Florence: Florence University Press, 2012.
 5. <<http://www.ics.ul.pt/instituto/?ln=p&pid=179&mm=2&ctmid=04&mnid=1&doc=31809901190>>; *site* consultado em 7 de Outubro de 2016. A propósito do percurso académico da autora, veja-se igualmente o *site* lisboa.academia.edu: <<https://lisboa.academia.edu/FilipaLowndesVicente>>

História de Arte, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, em 1994, a pós-graduação em História, no Goldsmiths College da Universidade de Londres, em 1995, e o Doutoramento na mesma instituição, em 2000. Entre 1994 e 2005, viveu em Inglaterra, nos Estados Unidos (Providence e New Haven) e em Itália (Florença). No ano lectivo de 2008-2009, foi investigadora visitante no Departamento de Arte e Arqueologia da School of Oriental and African Studies, da Universidade de Londres, período em que foi bolsreira da Fundação para a Ciência e a Tecnologia e da Fundação Oriente. A sua esfera de investigação abrange, entre outros, os domínios dos modos de produção do conhecimento nos séculos XIX e XX; os cruzamentos entre a cultura visual, material e escrita e o colonialismo; a produção das elites indianas na Índia colonial portuguesa e britânica; o orientalismo indiano, italiano e português e, finalmente, os cruzamentos coloniais entre o Império Português e o Império Britânico.

O volume intitulado *Entre Dois Impérios, Viajantes Britânicos em Goa (1800-1940)* encontra-se estruturado em duas partes quase simétricas, antecedidas por um longo capítulo introdutório, de natureza contextual e teórica, intitulado "Introdução, Conhecimentos e Cruzamentos Coloniais". (15-70) Neste trecho preambular do ensaio, Filipa Lowndes Vicente começa por elencar os objectivos das viagens empreendidas à Índia Portuguesa por viajantes britânicos, procedendo em simultâneo a um balanço da pesquisa realizada e a uma definição dos critérios adoptados na escolha dos autores analisados e referidos ao longo do volume. Para além de esclarecer o leitor acerca dos motivos de inclusão e exclusão de relatos e viajantes, (32-43) Filipa Vicente procede à sua caracterização tipológica e a uma necessária distinção entre *travellers* e *tourists*, (44-59) sublinhando o carácter marginal e periférico dos *travelogues* femininos, (60-70) a quem a autora dedica toda a segunda parte da obra.

A primeira secção do seu estudo, intitulada "Colonizar a Colónia Vizinha: Viajantes Britânicos em Goa" (71-186), é constituída por uma relação diacrónica das viagens realizadas a Goa, entre 1800 (o período das Guerras Napoleónicas) e 1940 (a Segunda Guerra

Mundial). Nela se procede ao elenco dos relatos de viagem (impresos e manuscritos) sobre o território, bem como a uma análise, por vezes bastante pormenorizada e solidamente fundamentada numa abundante pesquisa histórica e biográfica, de textos assumidos pela autora como casos paradigmáticos. Por seu turno, toda a segunda parte do volume, de título “Mulheres, Viagens e Escrita: as Narrativas de Isabel Burton e Katherine Guthrie em Goa, na Década de 1870”, (187-293) é dedicada a um estudo sistemático e exaustivo de duas narrativas de mulheres britânicas que percorreram a colónia na década de 70 do século XIX.

Assim, enquanto a primeira secção é totalmente dominada por vozes narrativas e olhares masculinos (excepção feita ao breve relato de Anne Bremner,⁶ esposa do Cônsul Britânico em Goa, durante a Segunda Guerra Mundial) (169-186), a segunda parte é, na sua totalidade, dedicada à escrita de viagens feminina, tomando como estudos de caso Isabel Burton⁷ e Katherine Guthrie,⁸ esposas de funcionários da administração colonial britânica, ao serviço do Império. Nesta longa passagem do texto, Filipa Vicente debruça-se sobre questões de género, evidenciando aqueles que lhe parecem ser traços característicos do *travelogue* feminino e aludindo ao próprio estatuto da mulher no contexto colonial britânico. Por outro lado, a autora não deixa de sublinhar as marcas distintivas destes últimos relatos, considerados justamente as mais completas e abrangentes descrições de Goa redigidas por britânicos, estabelecendo um necessário confronto (e procedendo a um cruzamento de olhares) com os textos analisados na primeira parte, da autoria de viajantes masculinos, detentores de formações, cargos e missões muito distintos e específicos.

6. O texto de Anne Bremner, um original dactilografado, faz parte do acervo do Índia Office da British Library e a referência a este espécime no respectivo catálogo é a seguinte: “Mss F 226/4, Bremner, Mrs Anne, wife of Lt-Col Claude Urquhart Bremner (1891-1965), IPS 1919, British Consul, Portuguese Possessions in Índia 1940-43.”

7. A.E.I. *Arabia, Egypt, India. A Narrative of Travel*. London and Belfast: William Mullin & Son, 1879.

8. *Life in Western India*. 2 vols. London: Hurst and Blackett, 1881. Veja-se igualmente o seguinte relato da mesma autora: *My Year in an Indian Fort*. 2 vols. London: Hurst and Blackett, 1877.

No âmbito da literatura de viagens sobre a Índia, em que preponderam as vozes de autores britânicos, constatamos que Goa ocupou, ao longo de quase todo o século XIX, um lugar quase marginal. Congelada no tempo, isolada e de difícil acesso, a colónia portuguesa, sublime vestígio de um passado histórico glorioso, votado, desde o século XVIII, ao esquecimento, situava-se na periferia dos roteiros turísticos. Não obstante a inauguração do Canal do Suez (1869), que abreviaria drasticamente o percurso entre a Europa e a Índia, facto que proporcionou um aumento significativo do fluxo de viajantes e turistas, Goa permaneceu à margem das rotas mais percorridas e ambicionadas pelos forasteiros. Até ao final de Oitocentos e à inauguração porto de Mormugão e do caminho-de-ferro (1888) que o ligaria à Índia Britânica, os acessos ao território goês (bem como no seu interior) permaneceram difíceis. (19-21) Por esse motivo, Goa manteve por muito tempo a sua natureza periférica, distante de uma Índia crescentemente percorrida, cartografada e fotografada por viajantes e turistas, assumindo características que mais a aproximavam de um “não-lugar” ou mero local de passagem. (21) A colónia portuguesa convertia-se, deste modo, numa simples escala num roteiro mais vasto, num local duplamente exótico e estranho, por onde se passava mas onde quase nunca se permanecia.

Nessa medida, Filipa Vicente considera que os ingleses que se dirigiam a Goa eram sobretudo viajantes, sendo os sinais de “turistificação do território”, incluindo meios de transporte, hotéis, roteiros e recordações, muito escassos até bem dentro do século XX. (21) Porém, não obstante esta “invisibilidade” da colónia no contexto do subcontinente indiano, ao longo do século XIX registar-se-ia um crescente afluxo de viajantes, na maioria cidadãos britânicos, em busca da “Goa arqueológica e histórica”, (21) onde as ruínas da Velha Goa, a Igreja do Bom Jesus e o túmulo de São Francisco Xavier constituíam os principais motivos de atracção ou cabeças de cartaz. O interesse pelos vestígios do passado e pelas ruínas do Império Português, consolidados desde os finais do século XVIII pela estética romântica, constituíam, deste modo, o principal incentivo à visita do pequeno enclave lusitano. A par do interesse

estético, da curiosidade histórica e etnográfica, há que sublinhar o papel central que a devoção religiosa assumia para alguns viajantes britânicos, nomeadamente os de confissão católica, como Isabel Burton, enquanto motivo para a visita ao território. São Francisco Xavier transforma-se numa figura central para os viajantes que, de um modo geral, atribuem destaque àquela personalidade nos seus textos. Assim, enquanto os católicos o colocam no centro das suas narrativas, transformando-o num objecto de veneração e os seus périplos por Goa em autênticas peregrinações a um local sagrado; os protestantes assumem uma postura de curiosidade etnográfica e de distanciamento crítico em relação ao ritual católico, com o qual mantêm uma relação em tudo semelhante àquela que tinham com outras religiões, como o Hinduísmo e o Islamismo. Os planos do sagrado e do “turístico” vêm, assim, a entrelaçar-se e a confundir-se crescentemente, a partir da segunda metade do século XIX, como testemunham Isabel Burton e, sobretudo, Katherine Guthrie, nos seus relatos. Filipa Vicente assinala a tal propósito (23-25) que este período histórico foi marcado por um particular aproveitamento religioso e político da relíquia sagrada pela administração portuguesa em Goa, que a converteria no mais visível “monumento” do património goês e em local de visita obrigatória para qualquer viajante.

No curso deste exaustivo trabalho de investigação, a autora procede a uma tentativa de classificação tipológica dos autores sobre os quais se debruça, agrupando-os em três categorias distintas. (26-27) Assim, numa primeira instância, alude àqueles que visitaram Goa por motivos de saúde, aproveitando a sua estada para transporem para a escrita as suas impressões no contacto com o Outro. Neste preciso âmbito são analisadas, com algum pormenor, as narrativas de Richard Burton⁹ (93-109) e de Tom [William Walker] Cringle¹⁰ (111-117) que, embora tenham buscado nas suas deslocações à colónia portuguesa uma forma de terapia ou um motivo de evasão e

9. *Goa and the Blue Mountains; Or Six Months of Sick Leave*. London: Richard Bentley, 1851.

10. *Jottings of an Invalid in Search of Health, Comprising a Run Through British India and a Visit to Singapore and Java*. Bombay: Printed and published at “The Times of India Office,” 1865.

de fuga à rotina do quotidiano, apenas aludem a tal propósito lateralmente, nos títulos ou nas introduções aos respectivos volumes.

Outra das categorias de viajantes que se dirigiam a Goa era a dos eclesiásticos, padres católicos ou ministros protestantes, cujo interesse pelo território residia no plano religioso. Para este conjunto de autores, entre os quais se destacam Robert Palmer¹¹ (165-168) e Graham Sandberg,¹² (145-150) o túmulo e as relíquias de São Francisco Xavier, bem como as igrejas e a identidade religiosa católica constituíam a principal fonte de atracção e o motivo subjacente às suas deslocações. Outros viajantes leigos, de confissão católica, como Isabel Burton, poderão igualmente ser considerados autênticos peregrinos, ao converterem a religião no ponto focal da sua viagem a Goa, transformada em local de devoção pela figura do santo.

Numa terceira categoria, encontram-se finalmente enquadradas as narrativas de viagem redigidas por responsáveis pela administração britânica na Índia ou por acompanhantes de figuras de Estado e representantes da Coroa, que integravam as suas comitivas durante as digressões oficiais. Destacam-se neste âmbito personalidades como *Sir* Mountstuart Grant Duff,¹³ (151-153) detentor de um alto cargo no governo da Índia Britânica, e George Nathaniel Curzon (*Lord Curzon*),¹⁴ (154-158) Vice-Rei da Índia entre 1899 e 1905. Em ambos os casos, estas personalidades foram protagonistas de visitas oficiais a território goês, tendo legado registos da sua própria pena acerca das suas viagens. Entre as altas patentes do exército ou da administração britânica que desempenharam o papel de acompanhantes merecem destaque *Sir* James Dunlop Smith,¹⁵ (158-162) oficial do exército indiano que realizou a viagem na qualidade de

11. *A Little Tour in India*. London: Edward Arnold, 1913.

12. "A Recent Visit to Goa." *Nineteenth Century*. Vol VIII, nº XLVII, 1890. 649-699.

13. *Notes from a Diary Kept Chiefly in Southern India, 1881-1886*. 2 vols. London: John Murray, 1899.

14. *A Viceroy's India. Leaves from Lord Curzon's Note-Book, by the Marquess Curzon of Kedleston, Viceroy and Governor-General of India 1899-1905*. Introd. Elizabeth Longford. London: Sidgwick & Jackson, 1984. 23-26.

15. *Servant of India. A Study of Imperial Rule From 1905 to 1910 as Told Through the Correspondence and Diaries of Sir James Dunlop Smith, Private Secretary of the Vice-Roy of India*. Ed. Martin Gilbert. [S.l.]: Longman's, Green & Co. Ltd., 1966. 206-208.

Vice-Rei e Governador-Geral da Índia, em 1909, e William Howard Russell,¹⁶ (119) autor do pormenorizado testemunho da deslocação do Príncipe de Gales a Goa, em 1875. Porém, de acordo com Filipa Vicente, enquanto Russell teve por única e exclusiva missão proceder a um registo da viagem oficial do futuro Eduardo VII (119-128) e alcançar, através da sua narrativa, o maior e mais diverso leque de leitores possível, Dunlop Smith não teve sequer por objectivo publicar o seu relato, tratando-se neste caso de meras notas pessoais.

Embora a autora exclua desta tipologia os protagonistas e líderes de expedições científicas, poderemos considerar que ele constituirá por si só uma quarta categoria, nela se inscrevendo o *Goa Survey*, da autoria do Tenente E. W. Petley,¹⁷ (129-144) oficial da Royal Navy, responsável pelo estudo hidrográfico que antecedeu a construção do porto de Mormugão. Nesta interessante narrativa somos confrontados com numerosas referências às formas de resistência das populações locais à presença britânica, fruto do crescente temor de uma anexação territorial pelo Reino Unido ou de uma cedência da colónia pelo governo português ao seu mais antigo aliado, em troca de um perdão da colossal dívida que junto dele contraía.

No contexto do capítulo introdutório deste estudo, Filipa Vicente pretendeu igualmente determinar os principais vectores e denominadores comuns dos textos seleccionados, entendidos como autênticos estudos de caso. Terá pretendido, deste modo, traçar paralelos, analisar ideias, argumentos e tópicos recorrentes em todos os relatos, bem como as genealogias textuais partilhadas por sucessivos viajantes. (27-31)

Assim, entre os temas persistentes das narrativas britânicas sobre Goa, deparamos desde logo com o estranhamento gerado pela

16. *The Prince of Wales' Tour: a Diary in India; With Some Account of the Visits of His Royal Highness to the Courts of Greece, Egypt, Spain and Portugal*. London: Sampson Low, 1877.

17. "Extract From the Narrative Report, Dated 15th August 1881", by Navigating Lieutenant E.W. Petley, R.N., F.R.G.S., Assistant Superintendent of Marine Surveys, in Charge of Goa Survey. *The Marine Survey of India, for the Year 1880-81*. Prepared for submission to the Government of India by Commander A. Dundas Taylor. Calcuttah: Office of the Superintendent of Government Printing, 1881. 18-23.

complexa miscigenação ou simbiose entre as culturas europeia e asiática, cristã e hindu, que tornava a colónia portuguesa “ (...) mais estrangeira do que o resto da Índia”. (17) A autora reflecte de forma fluente e eficaz sobre a perturbação e a sensação de desconforto gerados por esse território ocupado desde há séculos por portugueses, onde indiano e europeu se confundiam e as fronteiras entre colonizador e colonizado se pareciam haver diluído.

No tom cáustico, irónico e condescendente que o caracteriza, Richard Burton evoca claramente esse sentimento de estranheza, apontando a política de miscigenação adoptada pelo colonizador português como principal factor para a decadência de Goa. (100-101) Numa óptica brutal e determinista, Burton aponta dois factores que teriam levado à queda do Império Português na Índia – o clima e a mistura de sangue. Nessa medida, considera que o modelo colonial português conduziu apenas à degeneração, sendo por isso um exemplo a evitar. (102-103) A Goa descrita pelo viajante surgia metaforicamente representada como autêntico laboratório vivo, onde se podiam investigar e confrontar diferentes projectos coloniais e imperiais e decidir qual o caminho a não seguir. É precisamente este o segundo argumento comum à generalidade dos textos elencados e analisados por Filipa Vicente – a consideração de que o projecto colonial português falhara e o conseqüente repto lançado aos britânicos, que deveriam procurar aprender com os erros cometidos por outras potências no passado, caso pretendessem preservar o seu império.

Deste último raciocínio resultava finalmente a conclusão de que, dada a incapacidade de Portugal proceder a uma eficaz e lucrativa exploração do território goês, se justificaria por completo uma transferência de poderes coloniais e a anexação do território à Índia Britânica. Esta convicção generalizada na superioridade do modelo de colonização inglês serviria de argumento para a concretização das ambições imperiais da Velha Albion e de legitimação para a ingerência política, militar e económica na colónia portuguesa e forma de reafirmação do seu domínio na totalidade do subcontinente indiano.

Diremos finalmente e em consonância total com as opiniões formuladas pela autora, que outro dos temas recorrentes nos relatos britânicos sobre a Índia Portuguesa é a referência ao ciclo de auge e declínio, talvez a mais comum das percepções da Goa oitocentista, acompanhada de uma visão apocalíptica da situação do território nesse período histórico, que contrastava com a tentativa de análise histórica e de abordagens de cariz antropológico, etnográfico e religioso. (245)

A par de uma leitura rigorosa, plenamente fundamentada numa exaustiva consulta das fontes históricas e biográficas, dos relatos publicados por viajantes do género masculino, Filipa Vicente procurou em paralelo proceder a uma análise detalhada dos olhares femininos sobre Goa, tomando como objecto de estudo as narrativas de Isabel Burton e Katherine Guthrie. Trata-se, em ambos os casos, de mulheres que desafiaram muitas das convenções estabelecidas do que significava ser mulher, transgredindo em larga medida as limitações indissociáveis da condição feminina na Era Vitoriana. (197) Muito embora os constrangimentos de ordem sociocultural as colocassem numa posição marginal ao discurso científico institucionalizado, podiam, contudo, escrever livros de viagens, nos quais dissertavam livremente sobre História, Religião, História Natural ou Etnografia. As narrativas viáticas constituíam, deste modo, um veículo que permitia o acesso a discursos e práticas científicas, ou mesmo ao estatuto de cientista amadora, tendo em conta a completa ausência de reconhecimento do seu trabalho do ponto de vista institucional. (212-215)

Assim, se as narrativas de autores masculinos (altos funcionários, militares, diplomatas ou pastores protestantes) reflectem no seu todo uma maior diversidade temática, que espelha a pluralidade dos cargos ocupados na estrutura imperial, Filipa Vicente não deixa, por outro lado, de sublinhar que os relatos mais extensos sobre Goa foram escritos por mulheres, neles se revelando os seus saberes, a par da sua capacidade para a descrição livre. (288)

Editado com a chancela de uma editora prestigiada, a Tinta-da-China, que habituou os leitores a uma excelente qualidade gráfica, o volume intitulado *Entre Dois Impérios, Viajantes Britânicos em Goa*

(1800-1940) encontra-se profusamente ilustrado, através de cartas geográficas, reproduções de gravuras e sobretudo de fotografias, que constituem documentos de inegável interesse histórico e etnográfico. Digno de referência neste âmbito é o recurso ao espólio fotográfico legado pelo estúdio Souza & Paul, que empreendeu um levantamento de Goa no período compreendido entre a década de 80 do século XIX e o final de Oitocentos, tendo como objectivo a preservação do património histórico-cultural goês, incluindo o da Goa hindu, que havia sido votado ao esquecimento pelos relatos de viagem britânicos. (54-56) Este e outros espólios fotográficos constituem na sua essência representações e testemunhos pictóricos da realidade local, sabiamente utilizados pela autora e que dialogam *pari passu* com o seu texto e com os relatos sobre os quais disserta.

Cabe ainda considerar que o trabalho de pesquisa laboriosamente empreendido pela investigadora constitui um elemento de novidade no âmbito dos Estudos Anglo-Portugueses e uma peça fundamental para um conhecimento mais profundo da literatura de viagens sobre Goa e sua respectiva divulgação. Entre duas nações desiguais em poder e dimensão, os relatos dos britânicos que percorreram a colónia portuguesa, entre 1800 e 1940, reflectem os conflitos e interacções entre os dois países numa fase decisiva da construção da Índia colonial, proporcionando uma reflexão sobre o processo histórico e o inevitável apogeu e subsequente queda de toda e qualquer potência imperial.